

# O PRÓXIMO CENTENÁRIO DO ATAQUE AO FORTE DE COIMBRA E A INCOLUMIDADE DOS SEUS DEFENSORES

General RAUL SILVEIRA DE MELLO

INTRODUÇÃO — Em 27-28 de dezembro de 1964, daqui a menos de dois anos, dar-se-á o 1º centenário do ataque paraguaio ao Forte de Coimbra. Esse memorável episódio da guerra da Tríplice Aliança teve uma significação especial. Foi o alfa, a primeira cena dessa inominável tragédia que durou seis anos. Foi realmente contra o Forte de Coimbra que se deu o primeiro tiro, o primeiro bombardeio, o primeiro ataque, o primeiro corpo-a-corpo, o primeiro derramamento de sangue nessa cruenta guerra.

Não vou descer à apreciação militar da ocorrência. Deixemos a análise da guerra para os estudiosos da estratégia e da tática. Deixemos para os mestres do Direito Internacional e para os entendidos em Diplomacia as causas e razões desse lamentável conflito. O Brasil, neste momento de sua história e de sua política exterior, não precisa baixar a essas peculiaridades e minúcias. Elas já foram examinadas a lazer e estão registradas em longos estudos de várias fontes. Basta — e este deve ser nosso único propósito — que nos ocupemos dos acontecimentos do Forte de Coimbra com a finalidade de tirar deles o que nos pode ufanar, sem diminuir os adversários de ontem. Realmente, os motivos desta ufanaria são de tal monta que não cabe nêles o exame das causas determinantes nem as decorrências lutuosas daqueles dias terrificantes. Nosso objetivo, pois, limitar-se-á a relembrar simplesmente os fatos, a grosso modo, no sentido de pôr em evidência a conduta airosa e intrépida dos defensores do Forte, e, em particular, acima de tudo, exaltar a miraculosa salvaguarda que lhes propiciou Nossa Senhora do Carmo, Padroeira do velho baluarte, face à esmagadora superioridade do adversário.

Quando me refiro à salvaguarda ou ação salvífica de Nossa Senhora do Carmo, vale dizer a presença de uma força invisível, inexorável, em prol da defesa, ver-se-á, no correr destas páginas, nada haver nisso de gratuidade ou suposição, mas iniludível realidade.

O DESENCADear DA GUERRA — O presidente da República do Paraguai, marechal Francisco Solano Lopez, declarou guerra ao Brasil em 12 de novembro de 1864 e a primeira operação bélica que mandou empreender foi contra a província de Mato Grosso. Uma poderosa frota de guerra, sob o comando do coronel Vicente Bárrios, com 3200 homens

de desembarque, investiu, Paraguai acima, contra o território brasileiro e veio defrontar, de surpresa, com o Forte de Coimbra na noite de 26 de dezembro daquele ano. A guarnição do velho baluarte contava apenas 115 homens, a que se associaram, pedindo armas para bater-se (ao lado da defesa), 40 paisanos, entre os quais 15 presos, que ali cumpriam pena, e 10 índios guaicurus, chegados naqueles dias em visita. Difícil a situação da defesa. O pessoal mal dava para guarnecer metade das peças existentes. E — mais grave ainda — a munição de infantaria orçava apenas por 12.000 cartuchos, menos de 80 tiros por homem.

O PRIMEIRO DIA DO ATAQUE — No dia 27, pela manhã, intimado a capitular, recusou-se a isso, formalmente, o comandante Tenente-Coronel Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero. Desencadeou-se, então, contra o Forte, intenso bombardeio e terrível investida da infantaria paraguaia desembarcada. Nessa primeira jornada, a tropa adversária avançou resolutamente até às encostas do morro, por trás do Forte, abrindo caminho por entre a mata de espinheiros. A fuzilaria foi tão nutrida de parte a parte que a defesa gastou a quase totalidade dos cartuchos, restando-lhe, ao cair da noite, apenas 2.500 tiros.

APELO DOS DEFENSORES À PADROEIRA DO FORTE — Ninguém se iludira no Forte quanto à gravidade da situação. Todavia, a pequena tropa estava disposta a resistir até o último alento. Enquanto canhões e fuzis alvejavam as tropas paraguaias que tentavam o assalto, dona Ludovina, esposa de Portocarrero, dirigia a resistência moral e psicológica. Desde logo, ela e as mais mulheres recolhidas ao Forte, recorreram à arma imponderável, mas encorajadora e poderosa da oração. Criam piamente essas valentes mulheres quanto valem nesses momentos de angústia as forças sobrenaturais. Confiavam não lhes faltaria o valimento de Nossa Senhora do Carmo, Padroeira do Forte. Porventura a sua imagem histórica deveria cair nas mãos do adversário ou ser vulnerada pelo canhão? Se tal sorte lhe fôra reservada, por que a elegeram para proteger o Forte? Era lógico, pois, que, se noutros tempos manifestara a sua altíssima ajuda em situações semelhantes, não deixaria de fazê-lo nessa terrífica emergência. Sim, Ela estava ali, em sua capelinha, como num PC, para responder pela salvaguarda dos que se entregaram à sua proteção. Assim o entendeu dona Ludovina. Em dado momento, naquele primeiro dia de ataque, tomara dramática decisão. Chamara um cabo e mandara-o a Portocarrero para que lhe enviasse a banda de sêda vermelha, que usavam os oficiais na cintura. De posse dessa insígnia, correu à capela e a depositou aos pés da Padroeira, suplicando-lhe proteção para os defensores.

Que significava para êstes a transferência desta insígnia, da cintura do comandante, para os pés da Imagem? Ora, nada menos do que isto: combatessem êles com valor e confiança, porque a Padroeira, de sua parte, se encarregava de encorajá-los e protegê-los. E, como assim o acredita-

ram, assim aconteceu. As tropas de ataque, nesse dia, fustigadas pela defesa, nem puderam chegar a distância de assalto, e, ao cair da noite, tiveram de recuar para o local do desembarque e para os navios, levando consigo perdas e decepções.

Era de prever, no entanto, que, para o dia seguinte, a luta seria mais encarniçada, porque o atacante havia desbravado o terreno até pequena distância da gola do Forte, buscando uma base de partida para o assalto.

**A PRESENÇA DE SETENTA MULHERES NO FORTE** — Que poderia fazer a guarnição para resistir eficazmente na segunda jornada, se lhe escasseava a munição de infantaria? A resposta esteve nisto: haviam-se refugiado no Forte 70 mulheres, espósas de oficiais, sargentos, soldados e paisanos, e simples lavadeiras da aldeia. Dir-se-ia um pêso morto para a defesa, porque eram bôcas para alimentar e prantos para diluir a resistência dos homens. Pasmem todos, no entanto. Essas mulheres, em que pêsse a apregoada fragilidade feminina, emparelharam-se aos homens na defesa do Forte. Para que éstes permanecessem vigilantes e atuantes nas seteiras e banquetas de tiro, elas se encarregaram do suprimento da água, dos serviços de cozinha e de todos os mais misteres em que podiam poupar os homens. Quando chegou, pois, ao quase esgotamento da munição de infantaria, aquelas 70 heroínas de tôdas as condições, sem discrepância, em estreito espírito de solidariedade, entregaram-se, pela noite adentro, sem pregar olhos, à confecção de cartuchos. Muitas delas, inclusive dona Ludovina, por falta de papel regulamentar adequado, dilaceraram as próprias saias para fazer buchas de fuzis. Por mais duro, porém, que trabalhassem, só conseguiram manufaturar uns 4.000 cartuchos, porque, de sobrecarga, tiveram de reduzir balas de chumbo de maior calibre, machucando-as com pedras para acomodá-las às espingardas minies. Assim procederam, de fato, com extrema diligência. Jamais se falou, no entanto, que aquelas mulheres se tivessem tomado de nervosismo ou de medo.

Com êsse trabalho noturno, subiu a 6.500 cartuchos o estoque de munição de infantaria para o dia seguinte. Nada obstante, essa quantidade era diminuta, exígua, insuficiente. A nova jornada exigiria maior dispêndio de munição, porque se aguardava para êsse dia o desencadear do assalto. Tudo fazia crer, ia ser jogada a sorte do velho Forte.

**O SEGUNDO DIA DO ATAQUE** — A luta, pela manhã do dia 28, começou com fúria redobrada. Um nôvo batalhão de tropas frescas substituiu o que se esgotara no ataque da véspera. Às 7 horas da manhã começou o ataque. O Forte respondia à fuzilaria dos atacantes, mas somente à distância de tiro eficaz, para fazer poupança de munição. O canhoneio e a fuzilaria do lado paraguaio cresceram de intensidade e chegaram ao paroxismo cêrca das 14 horas. A êsse tempo, a infantaria atacante aprestou-se para lançar-se ao assalto. Havia ali, a uns 200 m, uma dobra do terreno, desenfado, com declive para a gola do Forte, propício

a aumentar a velocidade e a fôrça viva do assalto. Recrudescem, então, a fuzilaria e o bombardeio. Era o sinal do assalto. Nesse instante, a tropa atacante arremeteu contra o Forte, fazendo-o, segundo a parte de combate de Bárrios, o comandante paraguaio, "com tôda a velocidade que recomendam as ordenanças". E o fizeram, de fato, "com mais ardor do que a prudência aconselhava".

Logo, porém, que os assaltantes desembocavam da base de partida, varriam os uma saraivada de balas, lanternetas e granadas, partidas do Forte e de nossa canhoneira Anhambá. Nada, porém, detinha os assaltantes. Aliás o declive da encosta facilitava a corrida e tornava quase impossível a detença ou retrocesso. Duas horas, aproximadamente, levou o batalhão paraguaio no envio de vagas de assalto, intervaladas apenas pela chegada e passagem de linha de novos elementos, trazidos à frente. Apesar de tudo, as levas de assaltantes, como caniços varridos pelo vendaval, mordiam o solo ou refluíam para os lados com grandes perdas. Não descorajavam, porém. Após o rechaço de uma leva, lançava-se outra e outra.

**CORPO-A-CORPO EM PLENO FORTE** — Aconteceu, então que os remanescentes de uma nova leva, num esforço supremo, e num lança espetacular, passando por cima dos cadáveres dos companheiros, conseguiram atingir a gola do Forte e escalar-lhe o muro. Eram oito paraguaios de grande valor. Ao alçar-se para dentro, sete dêles, de maior agressividade, foram de pronto varados por baionetas, e o último — um afortunado — subjugado e prêso. Essas tremendas ações e reações, de parte a parte, e êste memorável corpo-a-corpo, exaltam sobremodo o valor de ambos os contendores e lembram o que se passaria depois, na abordagem da canhoneira Parnaíba, na batalha do Riachuelo, a 11 de junho de 1865.

Houve, porém, nesse episódio do Forte um feito mais meritório do que a própria bravura. Foi a conduta generosa dos nossos, que, no furor daquele rápido entrevêro, souberam poupar a vida ao derradeiro assaltante, preferindo dominá-lo a pulso a espetá-lo a baioneta.

Ora bem. Passado êsse arrojado lança paraguaio, era de esperar nôvo lança. Se àquele arremêso se seguissem outros, cada vez mais vigorosos, era evidente que acabariam por vulnerar o Forte e subjugá-lo. Êsse prognóstico estava na consciência dos defensores, porquanto não havia sinal de esmorecimento do lado paraguaio. A fuzilaria crepitava por entre o matagal da encosta, como a denunciar a chegada de nôvo escalão de assalto.

**NOSSA SENHORA DO CARMO INTERVÉM, DE CIMA DAS MURALHAS** — Foi nesses terríveis momentos de perplexidade e angústia que dona Ludovina, espôsa de Portocarrero, assumiu um papel de notável transcendência. Se tudo estava humanamente perdido, raciocinou ela, seria o caso de entregar a defesa nas mãos de Nossa Senhora do Carmo, Padroeira do Forte. Assim pensando, chama o músico Verdexas e diz-lhe: — tome nos braços a imagem da Virgem, com a banda de sêda vermelha

do comandante que, ontem lhe depusitei aos pés, e suba com ela para cima da muralha; e, em ali chegando, a exponha, bem alto, aos olhos dos atacantes (1). O súbito aparecimento da imagem naquela posição dominante, causou inenarrável encantamento àqueles homens enfurecidos pela guerra. Surpresa e admiração em todos os semblantes. Abatem-se de súbito, com a um sinal de comando, os fuzis de parte a parte. De um e outro lado, cessa o fogo. Impelidos por incontida reverência ao culto de Nossa Senhora, que bem caracteriza a tradição católica dos povos latino-americanos, aqueles homens separados pela guerra, mas irmanados pelo sentimento religioso, suspendem os impulsos agressivos e prorrompem em vivas entusiásticos:

VIVA NOSSA SENHORA DO CARMO!

VIVA NUESTRA SEÑORA DEL CARMEN!

Os dois coros opostos passaram a viver cada vez mais alto, à moda de desafio, porfiando um e outro quem emprestaria maior vibração e melhor tonalidade às aclamações.

Foi tal o enlêvo e tal o arrebatamento produzidos ali pela presença da imagem, que cessou de todo a luta enquanto durou a competição de vivas a Nossa Senhora do Carmo. Durante esta trégua espetacular, duas humildes lavadeiras da aldeia do Forte, cujas alcunhas pitorescas a tradição guardou com carinho — Aninha Cangalha e Maria Fuzil — tiveram tempo de descer à beira do rio e apanhar água para os defensores.

Afinal, o soldado desce com a imagem, sem dano algum. Produzira-se a interrupção e o arrefecimento da luta, visados por dona Ludovina. A trégua levou minutos de estupefação, quebrou o ardor da peleja e reavivou a confiança e os brios da defesa. Ora bem, se Nossa Senhora tivera o poder de sustar a luta, a ponto de provocar aplausos dos próprios atacantes, estava fora de dúvidas, Ela encontraria uma saída feliz para as aperturas dos defensores, seus protegidos. E não confiaram em vão.

FIM DE JORNADA E INTERRUPTÃO DO ATAQUE — A fuzilaria recomeça, mas frouxamente. O fascínio daquela ocorrência quebrantara o ardor da luta. Por outro lado, descamba o sol e não havia mais tempo de trazer à frente nôvo escalão de assalto. O batalhão paraguaio, que participara do assalto, fôra dizimado, esfalfara-se, e não poderia realizar nôvo esforço. Não restava outra alternativa ao comandante paraguaio se não interromper o ataque e retrair-se sôbre a reserva, a fim de montar nôvo dispositivo de assalto para o dia seguinte, com tropas frescas. A defesa, por seu lado, estava exausta, a munição de infantaria, por assim dizer,

(1) O "Livro Histórico do Forte" e vários autores registram êste episódio. O GENERAL MÁRIO BARRETO rememora-o em "Campanha Lopezguaya", 1º vol., pág. 112. Por seu lado, ACHILLES ACHILLÃO, em "As Mais Belas Páginas da Pátria Brasileira", narra-o, por miúdo, pateticamente.

esgotada. Não daria sequer para uma hora de fogo. Nem possibilidades havia para refazê-la. Manufaturar mais cartuchos, era praticamente impossível, porque as 70 mulheres do Forte já haviam dado tudo de sua parte. 48 horas fazia que nem dormiam nem repousavam. E o que era ainda mais grave: faltava matéria-prima para renovar a munição para o dia seguinte.

#### UMA DIFÍCIL CONJUNTURA QUE SE IMPUNHA — A RETIRADA

— Selara-se inexoravelmente a sorte da defesa. Ou capitulação incondicional, ou resistência a todo o transe, e, por fim, o esmagamento sistemático. Restava porém, uma terceira solução: tentar a retirada. Esta operação, aliás, por temerária e difícilíssima, estava votada ao fracasso. Por terra, nenhuma estrada havia, nem era possível enveredar pelo Pantanal, que a esse tempo estava inundado. Por via fluvial, rio acima, uma só embarcação existia para o transporte, a pequena canhoneira Anhambá, ao passo que o comando paraguaio dispunha de barcos numerosos e mais velozes.

Mas, nessa terrível conjuntura, o que parecia impossível foi, na realidade, o que aconteceu. Não, porém, mercê da habilidade e perícia do comandante, mas — pasmem disso os mestres da guerra — pela evidente ação salvífica da Padroeira do Forte. O sigilo da retirada foi realmente facilitado pelas providências de Portocarrero e pela escuridão da noite. Todavia, estes fatores, por si sós, não poderiam justificar a ruptura do contacto e o abandono do Forte, porque a frota paraguaia permanecia vigilante e de fogos acesos. Mais de admirar ainda é o seguinte fato: a nossa pequena canhoneira Anhambá, superlotada de homens e mulheres, ao zarpar do Forte, rio acima, ia sendo arrastada pela correnteza. Foi preciso que o seu comandante, o 1º tenente Balduino de Aguiar descesse em pessoa à casa das máquinas para ativar o fogo das fornalhas, a fim de que, aumentada a pressão da caldeira, a embarcação ganhasse novas forças. Essa delicada operação, contudo, levou algum tempo, produzindo grande ruído e enormes jactos de fagulhas pela chaminé.

Estes fenômenos acústicos e luminosos, na obscuridade e no silêncio da noite, eram de provocar a atenção das baterias paraguaias assestadas na margem fronteira. Apesar de tudo, o barco brasileiro safou-se impavidamente e nem foi visto pelos vigias paraguaios, nem ouvido o barulho de suas máquinas. Mais ainda. Somente dia claro, os atacantes perceberam, pela mudez da defesa, que algo de estranho ali acontecera. O nôvo batalhão de ataque, chegado à distância de tiro, não encontrou resistência nem sinal de alerta. Foi só então que se lhes abriram os olhos à evidência: a guarnição do Forte abalara rio acima, lesta e salva, como peixe escape da rêde.

○ Retirada Feliz! "Milagrosa Retirada", no dizer de Estêvão de Mendonça, em "Datas...", 1º vol., pág. 201. Outro escritor, Achilles de Achilêo, em seu livro citado, declara que ouviu, pessoalmente, de Portocarrero

e dona Ludovina o seguinte: Ao deixarem o Forte, perguntaram-se, admirados, um ao outro:

“Como? Não foi ferido nem morto nenhum brasileiro? E ambos responderam: — Milagres de Nossa Senhora do Carmo!”

**A INÇOLUMIDADE DOS DEFENSORES** — Examinemos agora as circunstâncias em que se deu o ataque. Tratava-se de um velho forte, antiquado, sem casamatas nem abrigos para o pessoal. O recinto, a céu aberto, em rampa ascendente, apresentava-se exposto, como um alvo, às vistas e aos tiros diretos da artilharia atacante. No entanto, desencadeou-se contra êle — único objetivo visado pela artilharia e a infantaria atacantes — todo o pêso dos seus canhões e de seus fuzis, durante dois dias. Nada obstante, verificou-se ali uma estranha singularidade. Os tiros da artilharia paraguaia eram curtos ou longos, deixando livre de impactos o recinto do Forte. Ou chegavam, pela frente, até ao embasamento da muralha, ou, ultrapassando o Forte enquistavam nas encostas do morro, ferindo ali suas próprias tropas de assalto. Ou, ainda, por efeitos da deriva, iam escarvar o chão à direita e à esquerda. Nestas estranhas condições de intangibilidade, nem uma só baixa sofreu a guarnição do velho Forte. Não se contou ali um só morto, nem um só ferido, ao passo que as tropas atacantes tiveram 206 baixas, 42 mortos e 164 feridos.

É evidentemente de espantar o confronto dessa espetacular disparidade. Ver-se-á, entretanto, que não ficu nisto a prodigiosa interferência de Nossa Senhora do Carmo em prol dos defensores. Os paraguaios, voltados do estupor que lhes causara a surpreendente evasão dos defensores, lançaram-lhes em perseguição o grosso da frota. Aquêles afortunados, porém, já iam longe. Navegaram os 200 quilômetros que os separavam de Corumbá e ali chegaram incólumes, mas ... encontrando a vila em pânico. A seguir, decidido pelo Comandante das Armas, Coronel Carlos Augusto de Oliveira, o abandono da vila, à mercê dos invasores, a imagem de Nossa Senhora do Carmo, com o escalão de comando do Forte e as 70 heroínas, passaram-se para outra embarcação menor e prosseguiram, sem dano nem vicissitudes, o seu destino para Cuiabá.

**A HECATOMBE DE CORUMBÁ** — O que, entrementes e depois, aconteceu aos mais retirantes e retardatários, foi de estarrecer. As outras embarcações, zarpadas de Corumbá, inclusive a Anhambá, que conduzia o Coronel Oliveira, Comandante das Armas e seu séquito, foram tenazmente perseguidas, caçadas, abordadas e capturadas pela frota paraguaia, que lhes viera no encalço. Dezenas de foragidos perderam a vida. Levas de refugiados, para salvar-se, embrenharam-se pelo Pantanal. Passaram fome e misérias. Distantes, como estavam, de Cuiabá, tiveram de suportar 2, 3, 4 e 5 meses de longas marchas a pé e duras provações. O Coronel Oliveira, com parte de suas tropas, só pôde chegar a Cuiabá a 6 de março. Outro grupo, em abril. O Capitão Antonio

Maria Coelho, com 300 retirantes, a 12 de maio. O Tenente João de Oliveira Mello, capitaneando uma leva de 400 refugiados, atingiu, por último, a capital da Província, a 30 de maio. Os infelizes, que não conseguiram embarcações em Corumbá para evadir-se, embarafustaram pelas matas, mas, por fim, caíram nas mãos do invasor.

Nessa inominável tragédia, somente a embarcação que conduziu a imagem de Nossa Senhora do Carmo nada sofreu no decurso da viagem. Lá chegou em Cuiabá no dia 5 de janeiro, sem retardo e sem dano. Foi essa embarcação, digo melhor, foi a própria Padroeira do Forte quem levou a notícia da invasão paraguaia, do ataque ao Forte de Coimbra, do descalabro havido em Corumbá, da perseguição às mais embarcações. A canhoneira Jauru, conduzindo elemento da guarnição e famílias de Coimbra, que zarpara na esteira da embarcação da Virgem, conseguiu também chegar a Cuiabá, mas somente três dias depois, por causa de entraves da navegação encontrados no percurso.

É, pois, de maravilhar, ante essa geral calamidade, que, só não houve dano, nem detrimento, onde esteve presente a imagem da Padroeira do Forte. Únicamente o vapor que a conduziu e o séquito que a acompanhou estiveram livres de azares na perseguição e de retardos na viagem. Indubitavelmente — quem ousará negá-lo? — este nôvo prodígio representou mais um sinal carismático da ação salvífica da Padroeira do Forte em favor dos seus protegidos.

**A PADROEIRA DO FORTE É RECEBIDA EM TRIUNFO EM CUIABÁ** — Não foi, portanto, sem grandes razões, e iniludível reconhecimento, que a população de Cuiabá, em péso, com seu bispo à frente, pés descalços, se decidiu, numa procissão sem igual, transportar a imagem da Padroeira, da igreja de São Gonçalo, junto ao pôrto, para a catedral da cidade. Eis como nô-la descreve Joaquim Ferreira Moutinho, escritor dêsse tempo, testemunha do acontecimento, em seu livro "Notícia sôbre a Província de Mato Grosso", pág. 60:

"Foi nesta igreja (**de São Gonçalo**) que foram recolhidas as imagens do Forte de Coimbra e de Corumbá por ocasião da invasão paraguaia, e que foram conduzidas em procissão solene desde o Pôrto até a igreja matriz, debaixo do pátio, nos braços de S. Exa. Rma., que fêz o trajeto com os pés nus.

"Houve quem afirmasse que vira uma lágrima nos olhos da Santíssima Virgem Protetora de Coimbra. Quanto a nós, cremos firmemente que essa lágrima caíra dos olhos do venerando pastor sôbre a face da imagem, o que deu lugar a crêr-se que ela chorara.

"Essa procissão, que foi de tôdas as que vimos em Cuiabá, a mais solene, recorda a história mais triste e desoladora da Província, e por isso não é de admirar que tão virtuoso quão caritativo prelado vertesse prantos sôbre a miséria daquela sob cuja guarda não pereceu um só soldado no ataque de Coimbra.

O povo todo, sem exceção de classe, concorreu à igreja, e até famílias acompanharam a Virgem no seu trajeto”, de 5 quilômetros de extensão.

CONTRASTES E CONFRONTOS — É evidente, pois, que se produziu algo de miraculoso na série de ocorrências em que esteve presente a imagem da Padroeira do Forte:

- a incolumidade dos defensores nos dois dias de ataque;
- a invulnerabilidade dos retirantes que a acompanharam;
- finalmente, malgrado o descalabro geral em Corumbá e suas funestas decorrências, a chegada da imagem e seu séquito, sem danos, nem retardos, à capital da Província.

Isto, o lado ótimo dos acontecimentos. Mas, em contraposição, as mais embarcações foram abordadas e capturadas pelos perseguidores. Centenares de foragidos, escapes de Corumbá e Albuquerque, somente puderam chegar a Cuiabá meses depois, à custa de perdas e de sacrifícios sem conta.

De todos os fatos estupendos daqueles dias tenebrosos de dezembro de 1864, e dos funestos meses de janeiro a maio de 65, um, evidentemente, se avanta e se agiganta, merecendo especial relevância. Esse fato distintivo e altiloquente foi a invulnerabilidade, propiciada por Nossa Senhora do Carmo à guarnição do Forte e aos civis e devotos seus, ante o cheque-mate da poderosa frota paraguaia. A ciência e a lógica não encontraram explicação para essa e as mais maravilhas que se lhe seguiram, porque elas ultrapassam a compreensão humana e a hermenêutica da guerra. E foram tantas e tão estupendas, e tão além das possibilidades humanas, mas tão evidentes e fora de dúvida, que desafiam e ferem a incredulidade dos céticos. Que foram evidentes e reais, basta dizer que elas vivem na tradição mato-grossense e nas páginas do LIVRO HISTÓRICO DO FORTE. Foram narradas por historiôgrafos e cronistas, ávidos de novidades daqueles tempos. O próprio historiador alemão, L. Schneider, diz em seu famoso livro, “A Guerra da Triplíce Aliança”, 1º vol., pág. 113:

“A evacuação desse forte é um fato curioso para a história militar: 8 navios paraguaios, entre eles 5 vapores (Rio Branco corrige: “eram 8 vapores”) e algumas chatas, não ouvem, em um ponto tão estreito do rio, o movimento do vapor brasileiro e deixam-no evadir-se com toda a guarnição”.

O General Mello Rêgo, governador de Mato Grosso nos fins do Império, escreveu, por seu lado, em “O Forte de Coimbra”, Rev. do I. H. B., vol. 67, pág. 113, o seguinte:

“A hesitação, receio, falta de firmeza e de deliberação pronta no modo por que se aveio Bárrios diante de Coimbra

(...), revelam certa preocupação de espírito, uma coisa íntima que dificultava a liberdade de agir" do chefe paraguaio.

Contudo, ainda mesmo que se exclua a presença da imagem nas muralhas do Forte e que se ponham dúvidas aos aplausos resultantes, sob alegação de que as impressões destes fatos se perderam com a morte dos participantes; mesmo assim, avulta, por saldo, este triplice, poderoso, irrecusável e indisfarçável argumento:

- a incolumidade dos defensores durante os dias do ataque;
- a sua fácil evasão e sua chegada invulnerável a Corumbá;
- a imunidade do séquito da Virgem até Cuiabá.

TESTEMUNHOS E DEPOIMENTOS — Há, aliás, incontestáveis depoimentos de participantes diretos do ataque ao Forte, que se perpetuam nas palavras e em o nome dos seus descendentes. Entre esses depoimentos distingue-se, acima de todos, o do então Tenente João de Oliveira Mello, alcunhado Mello Bravo, por seu destemor e intrepidez em Coimbra e nos meses da retirada. Muitos anos após aqueles acontecimentos, certa vez, já então General reformado, narrava êle entre amigos os fatos desenrolados em Coimbra. A certa altura da palestra, um dos presentes o interrompe, e, voltando-se para os demais, aponta Oliveira Mello, por sua bravura, como a alma da defesa do Forte. Neste ponto, o intrépido soldado ergue-se de um salto, como num protesto, e responde formalizado:

“Qual bravura, qual nada! Quem salvou a guarnição do Forte foi Nossa Senhora do Carmo. Esta é a única verdade. Fora disso, tudo é conversa fiada.”

Este episódio, passado entre Mello Bravo e seus companheiros de palestra, é notório em Cuiabá. Foi-me êle narrado ali, em 1954, por um dos próprios filhos do herói, o engenheiro Miguel Carmo de Oliveira Mello, chefe da Comissão Construtora da BR 31, em presença do então advogado e hoje tabelião daquela cidade, Dr. Luís Filipe Pereira Leite.

“Tão evidente foi para meu pai (explicou êsse engenheiro) a intervenção de Nossa Senhora do Carmo na salvação e incolumidade da guarnição do Forte, e tal o reconhecimento e a devoção que lhe ficou a dever meu pai, que os transmitiu a todos os filhos, dando a cada um deles, pelo batismo, o sobrenome de Carmo”.

Tôdas estas maravilhas, no entanto, que a distância e o tempo afastam mais e mais do conhecimento das novas gerações e cujas causas e efeitos a ciência humana, por não os poder entender, não alcança e os leva à conta de fortuitos, foram sobejamente vistas pelos participantes e transmitidas por êstes aos seus contemporâneos. Todos deram seu testemunho positivo. Uns porque viram as realidades, outros porque

ouviram que tais maravilhas resultaram da presença ali de uma força invisível, mas atuante, que a todo poder humano ultrapassava. Essa força, êsse poder, sustentavam êles, procedia de Nossa Senhora do Carmo, porquanto foi a Ela que dona Ludovina e a guarnição do Forte recorreram instantemente naqueles momentos de angústia.

Como, pois, duvidá-lo? Como não fazer daqueles fatos miraculosos, vale dizer; como não fazer de sua autora, a excelsa Padroeira do Forte, o objeto de distinção especial, de distinta reverência, de exaltação, nas comemorações do próximo centenário daqueles acontecimentos históricos?

Se tal não houvessem de reconhecer, se tal não programassem, mas se as honras fôsem encomendadas sòmente para Portocarrero e seus bravos comandados; se sòmente a dona Ludovina, às 70 mulheres e aos mais civis coubessem hosanas, certo é, uns e outros se levantariam dos túmulos para repetir o preemptório depoimento de Mello Bravo:

— Esta é a única verdade: — Não foi nenhum poder humano; e sim Nossa Senhora do Carmo, quem salvou a guarnição do Forte e as nossas vidas.

A QUEM PRIMADO, PRIMADO; A QUEM PRIORIDADE, PRIORIDADE; A QUE HONRA, HONRA, NAS COMEMORAÇÕES DE 1964 — Quando os heróis do Forte vieram, em espírito, a Coimbra, para assistir às comemorações, certamente não se esquivarão às honras que lhes estiverem programadas. Todavia, mais esclarecido do que nós, porque livres já das injunções dêste mundo, hão de conclamar bem alto que as homenagens e triunfos cabem, por primado e por prioridade — se não com exclusividade — à Nossa Senhora do Carmo, pois foi Ela a autora e protagonista daquela epopéia, não sendo êles mais que simples peças ou comparas da imponente representação.

Não vai nisto, por forma alguma, qualquer sombra de menoscabo à conduta e bravura dos heróis do Forte, nem à galhardia das mulheres, nem tampouco à espontânea e decidida participação dos presos e guai-curus nos azares da defesa. Nada disso. A êles, sem contradita, pertencem honra e glória. Não se lhes regateem, pois, a todos e a cada um, e aos seus rasgos de valor, aplausos e homenagens. Êles evidentemente o merecem, cem por cento. Celebrem-se pois, festas cívicas e militares, as mais calorosas possíveis, em seu louvor. Construa-se, em sua honra, o *Pantheon* comemorativo dos heróis do Forte.

Tenha-se, porém, presente — e aquêles heróis disso deram testemunho — tôda a bravura e tôda a solicitude e tôda a perícia, de uns e outros, em nada impediriam a tomada do Forte e a perda de suas vidas. De nada lhes valera a intrepidez se o manto protetor de Nossa Senhora do Carmo, como escudo invisível, não descera sôbre êles tornando-os invulneráveis e imunes. Nossa Senhora do Carmo, contudo, Protetora e Mãe, que é, rejubilar-se-á de lhes serem prestadas as melhores honrarias.

EM CONCLUSÃO — Por tudo que se acaba de recordar cabe evidentemente à Nossa Senhora do Carmo, Padroeira do Forte, o primado e a prioridade nas grandes comemorações. Àqueles, seus protegidos, festas, luminárias, honras militares. A ELA, reconhecimento especial, fidelidade, veneração e ações de graças. A ELA, ainda, a ereção de um *santuário* que perpetue, ali, o seu invariável patrocínio à guarnição do Forte e à gente daqueles pagos. A ELA, também, uma *estátua*, no cimo da mura'ha, tendo por pedestal o soldado Verdexas, segurando bem alto, sôbre as palmas das mãos, a SUA imagem veneranda.